

Mudança e Possibilidade: sobre o resultado das eleições nos Estados Unidos

Change and Possibility: on the result of the election in the United States.

CRISTINA SOREANU PECEQUILO*

Meridiano 47 n. 100, nov. 2008 [p. 5 a 8]

Depois de dois anos de campanha presidencial, oito anos de Era Bush, dez de reação neoconservadora e quarenta do movimento de direitos civis, Barack Obama do Partido Democrata foi confirmado na madrugada de 05 de novembro de 2008 como o futuro presidente do Estados Unidos. Com um claro mandato popular, representado por uma ampla maioria no Colégio Eleitoral, Obama sagrou-se vitorioso em mais da metade dos estados, solidificando a base democrata que desde 2000 encontrava-se em busca de uma liderança real, ganhando nas localidades mais progressistas da federação.

Além disso, o candidato atravessou barreiras internas norte-americanas para agregar a sua votação redutos republicanos nas últimas eleições como Indiana, Florida, Ohio. Ao mesmo tempo, os democratas conquistaram a maioria na Câmara e no Senado de forma significativa, recuperando o controle da máquina política que foi dominada por George W. Bush durante sua presidência. Enquanto isso, as vitórias de McCain concentraram-se nos estados menos populosos e desenvolvidos, congregando o tradicional Sul e o Alaska da vice Sarah Palin. Quatro desafios resumem a difícil tarefa de Obama a partir de Janeiro de 2009 (em um governo que já começou em 05/11 na prática).

Da Mensagem ao Gabinete- dois slogans orientaram toda a campanha de Obama, o da mudança e o da possibilidade (mudança na qual podemos acreditar e sim, nós podemos eram as frases

chave), que em um momento de cansaço generalizado com o governo Bush e os antigos padrões de política e economia nacionais representaram o desejo da sociedade norte-americana em encontrar novos rumos. A grande tarefa de Obama é ultrapassar a fronteira entre estes elementos e a realidade, dando maior solidez ao que se identifica com a idéia da mudança, elemento que já trouxe problemas durante a campanha aos democratas. Para públicos diferentes, a retórica de campanha variava, o que pode ser chamado, inclusive de Mudança à la carte. Assim, é preciso que surja uma política nacional de mudança concreta logo nas primeiras semanas, tornando concreto e pragmático o caminho a ser seguido. Para isso, Obama, como se tem percebido, já trabalha com a administração Bush, indicando a permanência de alguns nomes como o de Ben Bernake no período inicial de transição. Igualmente, tem proposto medidas de salvamento adicionais para alguns setores como o automobilístico, deslocando o foco das políticas de Wall Street para Main Street. Finalmente, é preciso que o presidente recém-eleito faça uso das lições de Clinton em 1993 que, em seus primeiros meses na Casa Branca, manteve o governo atrelado ao estilo de campanha, não conseguindo fazer uma rápida passagem do palanque ao Salão Oval. Este movimento, à primeira vista, já vem sendo efetuado pela equipe de Obama que, provavelmente, até o período antes do Natal procurará definir os nomes chave da futura presidência, o que leva ao

* Professora de Relações Internacionais Universidade Estadual Paulista – UNESP (Campus Marília), e Pesquisadora Associada ao Núcleo de Estratégia e Relações Internacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS (crispece@gmail.com).

segundo desafio abaixo. Mais de 60% dos eleitores votaram em Obama para dar conta destes dilemas internos econômicos e, na seqüência, para lidar com a retirada do Iraque e a revisão das operações militares e estratégias externas (abordadas no quarto desafio). Com isso, é preciso, como ressaltado, clareza e decisão evitando um rápido desencanto com o governo, o que comumente é chamado nos EUA de fim da lua de mel (e que inclui eleitorado e mídia).

O Gabinete, Transição e Polarização – como se percebe pelos números, e o retrospecto das eleições recentes, um tradicional conceito do sistema político norte-americano que podemos definir como o do checks and balances informal que predominou durante a maior parte da história, que é o domínio do Executivo por um partido e do Legislativo por outro, a fim de evitar concentração de poderes, não tem se aplicado com freqüência nos últimos pleitos. Reflexo de uma polarização e das disputas hegemônicas internas, o eleitorado tem optado por votar em um partido que, no fundo, torna-se único em Washington. Na administração Bush esta tendência se demonstrou particularmente prejudicial à medida que excluía das decisões possíveis, escolhas liberais, reorganizando leis e instrumentos judiciais para o lado conservador. Bastante criticada pelos democratas esta prática foi utilizada como peça de campanha republicana contra o partido nas eleições 2008, alegando que o mandato abrangente aos democratas significaria uma guinada do país à esquerda e o aprofundamento destas polarizações, repetindo o discurso anterior dos adversários. Pode Obama seguir o padrão Bush neste campo? Todo controle duplo do Executivo e Legislativo é, por princípio, negativa, na dinâmica do sistema norte-americano? Respondendo às questões, sim é possível que os democratas sigam o padrão Bush para aprovar suas medidas, mas não necessariamente esta postura pode, ou precisa, ser negativa. Neste sentido, o cenário mais equilibrado seria que os democratas fizessem uso da maioria para sustentar políticas (principalmente as emergenciais para a crise), mas que nenhuma aprovação se desse sem o consenso bipartidário com os republicanos, o que eliminaria o lado negativo da maioria absoluta (que pode levar à arrogância que Tocqueville determinaria

como uma espécie de tirania da maioria). Somada à negociação, não muito praticada nem por Bush nem pela maioria democrata liderada por Nancy Pelosi no biênio 2006/2008, o cenário mais interessante seria aquele no qual ambos os partidos caminhassem para o centro e cedessem em alguma medida suas demandas tradicionais. Composto esta dinâmica, a tática mais adequada é a de iniciar a transição de governos/gabinetes no dia 05/11 como está sendo feito, mas já sinalizando com mais intensidade um caráter bipartidário aos mesmos, passando da polarização à reconciliação.

Participação Popular, Raça e Geração- refletindo a dinâmica da nova América em transição étnica-populacional, a eleição de Obama refletiu a crescente relevância das minorias na política norte-americana, estando aí incluídas a negra e a hispânica. Ou seja, uma mudança real que existe no país e que vai além da retórica, somada à transição geracional no poder com um grupo novo em termos de propostas e idade chegando rapidamente à capital federal. Além disso, Obama foi responsável, favorecido por seu carisma e pelo peso da Era Bush, pelo incremento da base da participação popular com a mobilização do eleitorado democrata fortemente e a entrada de novos grupos que tradicionalmente não participam da votação como os jovens. Não só quantitativamente o eleitorado votou mais, com mais de 60% de eleitores indo às urnas no dia 04, como houve um aumento do registro destes mesmos eleitores que se traduziu em votos no dia da eleição. Associado a este aumento quantitativo houve, como indicado, o qualitativo pela entrada destes novos eleitores no processo (devendo-se observar nas futuras eleições se este nível de interesse se manterá ou se foi apenas reflexo da crise) e a unidade dos democratas em suas diferenças, assim como a conquista de votos independentes decisivos nas bases republicanas. Para os próximos anos, o desafio da nova presidência é manter esta coesão, evitando afastar estes novos eleitores, construindo um fundamento sólido de governo para os democratas que desde 2000 sofrem com a falta de liderança. Ou seja, não se trata só de uma questão de governo e Estado, mas igualmente de partido, rompendo as polarizações democratas internas como as disputas

hegemônicas com os republicanos pelo controle da sociedade doméstica como visto acima.

Este desafio, adicionalmente, não é só democrata, mas republicano, hoje polarizado em suas tendências mais moderadas que tendem à composição com o governo Obama, e a sua direita. Esta contradição intrapartidária se revelou com a escolha de Sarah Palin para vice e podem definir o seu futuro político, assim como do antes candidato à presidência Mike Huckabee, ambos representantes da ala mais à direita e neocon do partido. Palin, cuja candidatura representou para McCain, de fato, o ocaso de sua carreira política como republicano independente, moderado, mas ousado (o maverick), conseguiu, como Huckabee, manter a unidade destas forças mais à direita, e tende a buscar espaço interno ao partido nos próximos anos apesar de seu estilo um tanto agressivo. O sucesso disto dependerá não só da habilidade política deste grupo mais uma vez, mas do pragmatismo da direita mais moderada/liberal republicana (também englobando os conservadores clássicos que apoiaram Obama na campanha como Collin Powell), o que tende a gerar uma certa disputa pelo comando. Caso Obama reforce o caráter bipartidário do governo este segundo grupo moderado terá mais força, mas estará igualmente dependente de um sucesso do governo e estabilização de suas perdas de influência no cenário político, o que de certa forma o fragiliza como força autônoma. A outra hipótese é que se os democratas se isolarem, esta base neocon se reconstruirá e, como na fase Clinton, buscará seu retorno ao poder de forma decisiva.

Reconciliação Externa e Atualização Global- além dos temas domésticos, Obama ainda precisará lidar com a agenda de relações internacionais, buscando a formulação de uma nova grande estratégia e revisão dos parâmetros da Guerra Global contra o Terror (GWT) focando nos tópicos Iraque/Afganistão que dominaram a campanha. A eles associados, a temática do Paquistão e do Irã ganhou força, estando ainda dependente do cenário político em Israel que parece pender à direita neocon com a proximidade das eleições. Assim, é preciso que como no caso interno, a transição externa nestas questões já dê sinalizações claras ao mundo e ao público

norte-americano de alguns de seus rumos iniciais. Da mesma forma, será necessário corresponder às expectativas de que o discurso pró-reforma se converta em realidade, respondendo à crença global de que Obama é a mudança não só dentro, como fora de casa, e que abrirá os EUA a maior diálogo com seus aliados e um estilo tático diferenciado com seus inimigos. Parte desta crença deriva de dois fatores: primeiro, o desagrado generalizado da Era Bush e o anti-americanismo associado e, segundo, como ressaltado, a promessa da mudança associada a uma real atualização das parcerias norte-americanos e do sistema internacional e suas estruturas a partir das transformações do período republicano (encolhimento, isolamento, perda de credibilidade) e do reconhecimento, por parte dos EUA, das mudanças no equilíbrio de poder mundial, que completa duas décadas do reordenamento do pós-Guerra Fria. O mundo também acredita que com Obama poderá falar mais de igual para igual, trazendo subjacente uma crença em um certo declínio americano. Na prática, caso deseje sustentar a hegemonia neste quadro de alterações de poder relativo, este seria o caminho ideal para Obama, priorizando o papel dos EUA como líder do equilíbrio de poder mundial em emergência, trabalhando em conjunto com a UE, as potências emergentes (China, Rússia, África do Sul, Brasil) e os organismos e fóruns multilaterais (ONU, G7, G20, IBAS). A possibilidade existe para um novo padrão global que reflita o mundo de 2008 e não mais o de 1945, ou de 2001, assim como pragmaticamente sustenta-se a premissa de que os EUA não deixarão de agir sozinhos quando necessário, não se devendo ignorar as pendências intervencionistas democratas em temas como meio ambiente, direitos humanos e ajuda humanitária.

Portanto, os desafios à frente do futuro presidente são consideráveis, somando o pesado legado da Era Bush às dinâmicas de mudanças estruturais domésticas que sustentam a existência da recente disputa hegemônica interna entre moderados liberais e conservadores e os neoconservadores. Ou, porque não dizer, as dinâmicas de convivência e adaptação entre a América azul progressista e a América vermelha de resistência. Embora a América

vermelha continue vermelha, a azul está assumindo novas cores, já invadindo as fronteiras de seu presente/passado recente, revelando o que são os Estados Unidos hoje: uma nação múltipla que volta a suas origens de multiplicidade e que em meio às tendências de crise parece ter encontrado, mais uma vez, caminhos para se reinventar. Afinal, como o presidente recém-eleito afirmou, Somos, e sempre seremos, os Estados Unidos da América. E que este país, que tradicionalmente em momentos de crise se divide, para depois se reunificar, faça de suas diferenças a sua força e não mais seu medo, sendo os Estados Unidos do futuro, em seu melhor.

Recebido em 07/11/2008

Aprovado em 11/11/2008

Palavras chaves: Estados Unidos, eleição presidencial, Barack Obama

Key words United States, presidential election, Barack Obama

Resumo: O artigo versa sobre a vitória de Barack Obama nas eleições norte-americanas. Assim, resume a herança do governo Bush e trata das dificuldades a serem enfrentadas pelo Presidente Obama.

Abstract: the article discusses Barack Obama's victory of the American election. It sums up the legacy of the Bush administration and points out the difficulties faced by President Obama.

